

## UM TACHO EM REDE: APROXIMAÇÕES E AFASTAMENTOS IDENTITÁRIOS EM MORRO REDONDO-RS

ANDRÉA CUNHA MESSIAS<sup>1</sup>; CARLISTON LIMA RIBEIRO<sup>2</sup>; CARLOS  
EDUARDO ÁVILA BAUER<sup>3</sup> DIEGO LEMOS RIBEIRO<sup>4</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – andreacmessias@hotmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – estrellavideofilagens@yahoo.com.br*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – edubauereyeshua@yahoo.com.br*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas- dlmuseologo@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir sobre a performance do tacho de cobre como elemento que promove aproximações e afastamentos identitários nos processos de forjamento das tradições doceiras coloniais no município. O tacho de cobre, objeto de observação e análise deste trabalho, compõe o acervo do Museu Histórico de Morro Redondo e está inserido na exposição de longa duração. No espaço institucional, o tacho alude a memórias que são traduzidas pelos modos de vida doméstica e sua utilidade nas primeiras fabriqueiras de doce de Morro Redondo. Ao mediar essas memórias, abre-se caminho para investigar os seus usos e desudos no contexto da produção doceira, no passado e no presente.

Considera-se o tacho, portanto, não apenas como suporte de memórias, exercendo um papel passivo nos processos de constituição das identidades sociais; ao contrário, comprehende-se que o tacho atua de maneira determinante na construção das subjetividades. Deste prisma, ao criar vínculos memoriais com os sujeitos, ao ser colocado em fluxo nas ações do Museu, ao transitar física e semanticamente para fora do Museu, ao servir como elemento performático no momento em que é usado nos eventos, o tacho como patrimônio musealizado “é usado não somente para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. [...] O patrimônio, de certo modo, controla, forma as pessoas” (GONÇALVES, 2009, p.31).

Conceitualmente, o tacho musealizado ao ser deslocado para as escolas e eventos públicos, atua como um museu fenômeno (GUARNIERI, s.d.; SCHEINER, 2008) – por seu potencial de criar vínculos, mesmo fora do espaço convencional. Evoca-se memórias relacionadas aos imigrantes europeus e também aos ciganos - fabricantes e restauradores do artefato. A possibilidade de interagir com o objeto faz com que os públicos revivam e narrem histórias familiares, demonstrando, assim, as aproximações identitárias com o mesmo. Ao mesmo tempo, as ações permitiram perceber o patrimônio como uma memória em ação, na qual todo objeto-memória gera uma aparente dualidade: as lembranças e os esquecimentos que alimentam os conflitos memoriais.

Ancorados em Halbwachs (2013), percebemos a atuação dos contextos sociais como fundamentos para o trabalho de reconstrução da memória. Ao demonstrar a ação da “memória coletiva” sobre a individual, o autor revela que o esmaecimento dos sentimentos que uniam os sujeitos ao meio social promove o desaparecimento de “(...)uma memória coletiva mais ampla, que ao mesmo tempo compreendia a minha e a deles” (HALBWACHS, 2013, p. 39 - 40). Nesse ínterim, destacamos o efeito negativo de se propagar uma “história única” (CHIMAMANDA, 2009).

Nesse contexto, vale ressaltar que o saber-fazer do doce colonial, juntamente com o dos doces pelotenses, foi registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural imaterial brasileiro, em maio de 2018 – aspecto que alimenta narrativas do Turismo Rural no município. A discussão sobre o potencial identitário do tacho é fruto de pesquisas em campo realizadas no biênio 2018-2019 pela equipe do Projeto de Extensão “Museu Morrorredonsense: Espaço de Memórias e Identidades”.

Apesar do caráter multifacetado do patrimônio, encenado pelos documentos que reconhecem as tradições doceiras como patrimônio cultural imaterial brasileiro, partimos da hipótese de que, na tessitura da memória social, apesar de os atores sociais compartilharem de quadros sociais comum, o próprio município, nem todos os sujeitos compartilham das mesmas memórias. Esta tessitura de memórias, portanto, é fragmentada e fortalece a invisibilidade dos afrodescendentes.

## 2. METODOLOGIA

Através da aplicação da Teoria Ator-Rede (LATOUR, 1989; 1994-b; 2000; 2012), percebe-se que, na constituição do patrimônio, identifica-se atores humanos e não-humanos que atuam no processo da salvaguarda das tradições doceiras em Morro Redondo. Desse modo, percebemos na conformação dessa rede, que se modifica ao longo dos eventos, a agência do tacho de cobre sobre os demais atores. Por esse prisma, a pesquisa carrega a premissa de que as narrativas comunicadas pelo Turismo Rural em Morro Redondo em relação ao tacho de cobre potencializam aproximações identitárias entre os descendentes de imigrantes e, por outro lado, afastam os quilombolas das tradições doceiras coloniais, gerando, assim, redes de afetos e desafetos.

Para averiguar os afastamentos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com moradores do Quilombo Urbano Vó Ernestina, em Morro Redondo. A partir da indicação deles, outros afrodescendentes foram entrevistados também. Durante as entrevistas, buscou-se perceber qual era o significado que o tacho de cobre tinha para esses sujeitos; ademais, procurou-se conhecer a relação entre eles e o saber-fazer do doce colonial no município.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na perspectiva ensejada por este estudo, consideramos que os objetos da cultura material estão necessariamente em fluxo, vivos dentro das suas teias de sentidos. Conforme delineia Meneses (1998), nenhum atributo de sentido é imanente; para compreender os objetos é necessário colocá-los em situação, dentro dos deslocamentos de sentidos que são engendrados pelas relações entre objetos e sujeitos. Exatamente por isso, “seria vão buscar nos objetos o sentido dos objetos (MENESES, 1998, p.91). Se esta premissa permanecer válida, pode-se compreender os objetos patrimoniais não em sua materialidade ou discursos essencialistas, prontos para consumir; por isso entendemos ser mais útil compreendê-los “[...] como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma, etc” (GONÇALVES, 2013, p.8).

Do ponto de vista latouriano, em alusão ao processo de constituição do patrimônio cultural imaterial da tradição doceira, busca-se acompanhar o bem

patrimonial em fabricação, em ação, antes que os patrimônios se estabilizem e se transformem em caixas-pretas – compreende-se a caixa preta no contexto aqui analisado como os discursos essencialistas sobre o patrimônio, algo pronto para consumir. De acordo com o autor, “estudamos a ciência em ação, e não a ciência pronta; para isso, ou chegamos antes que os fatos se tenham transformado em caixas-pretas, ou acompanhamos as controvérsias que as reabrem (LATOUR, 2000, p. 421). Esta forma de observar a ciência, e em analogia com o patrimônio, abre horizonte para percebermos que os objetos, sujeitos, memórias, temporalidades são tecidos em uma mesma rede heterogênea. Permite-se compreender, no mesmo compasso, por intermédio das redes, de que forma esses atores agem nessas tessituras, em fluxos sempre provisórios.

Os objetos quando compreendidos em tessituras, dispostos horizontalmente em redes afetivas e memoriais, estão em pleno movimento; ou, nos termos de Tim Ingold, devem ser vistos como coisa viva. Eles não apenas mediam as memórias, mas atuam de forma decisiva na constituição de vínculos sociais. Em certa medida, estes objetos possuem suas próprias vivências, que deixam fios que se conectam com outros sujeitos e temporalidades. Desta perspectiva relacional, ao compreender o tacho como coisa em fluxo, este “[...] tem o caráter não de uma entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós” (INGOLD, 2012, p .29). Deste modo, o tacho vazaria um mero discurso de representação de determinada parcela da sociedade, ou um rótulo que se fixa no bem patrimonial ao formular um roteiro turístico para a cidade; mais do que isto, o tacho, assim compreendido, teria um sentido vital para os sujeitos que criam nexos com o tacho.

Por outro lado, cabe uma discussão que nos parece fundamental: e quando o tacho não deixa fios e rastros para outros sujeitos? Quando essas redes se tornam parciais ou mesmo criam desafetos? As pesquisas de campo demonstraram que as narrativas essencialistas comunicadas pelo setor turístico enaltecem as contribuições dos imigrantes, sobretudo as dos pomeranos e alemães.

Os resultados das entrevistas demonstram que os objetos são vivos e dinâmicos para alguns, ao passo que podem não servirem de indicadores de memórias para outros. Ademais, as narrativas dos quilombolas demonstram que, mesmo alguns tendo trabalhado nas antigas fabriquetas de doce colonial na década de 1950 e terem usado o tacho de cobre para o feitio desses produtos, eles não se acham detentores do saber-fazer:

Eu faço doces para consumo da minha própria família. Faço de batata doce, ambrosia, cocada e geleia de pêssego, não sou muito boa na geleia. (...). Não utilizo tacho de cobre e sim uma panela de alumínio ou outra qualquer mesmo e uma colher de pau, coisas bem simples. (...). Em relação à tradição doceira, eu acho que deixo a desejar um pouco, porque eu sei que o tacho de cobre vem de geração a geração. Eu trabalhei em fabriqueta fazendo doce em tachos de cobre, parece até que já sai um pouco ancestralidade porque eu não uso o tacho.

Mas também acho que a imagem ligada ao tacho de cobre não deixa que a gente busque o empoderamento. É como se a gente não fizesse parte da tradição, por usar um tacho de cobre ou alumínio. Os quilombolas deixaram para trás esse conhecimento familiar e passaram a trabalhar mais com panificação (MLBB, ex-secretária da Associação Quilombola, 09/09/2020).

Percebe-se que o discurso comunicado pelo turismo em relação a imagem do tacho de cobre e o saber-fazer doceiro tem dificultado o reconhecimento dos

quilombolas como detentores do saber-fazer, ao mesmo tempo em que se nota que há uma reivindicação memorial (CANDAU, 2009) em relação às adaptações na tradição doceira.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa realizada ressaltou a necessidade de ampliação das narrativas adotadas pelos empreendedores do turismo em Morro Redondo, demonstrando que o patrimônio é necessariamente um lugar de negociação, sempre conflituosa e, não raro, litigiosa. Há necessidade também de aceitar que as tradições comportam adaptações.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, Jöel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.1, n.1, jan/dez. 2009
- CHIMAMANDA, A. O Perigo da História Única. Vídeo da palestra da escritora nigeriana no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). [https://www.ted.com/talks/chimamanda Ngozi Adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda Ngozi Adichie_the_danger_of_a_single_story). Acesso em: agosto de 2018.
- GONÇALVES, J. R. S. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- GONÇALVES, J. R. S. , GUIMARÃES, R.S. & BITAR, N.P. **A Alma das Coisas: Patrimônios, Materialidades e Ressonâncias**. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2013.
- GUARNIERI, W. R. C. Museu para quê? (A necessidade da arte) (s/d). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Centauro, 2013.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos** [online], n. 18, v. 37, p. 25-44, 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000100002&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832012000100002&script=sci_arttext), acessado em agosto de 2020.
- LATOUR, B. **La Science en Action**. Paris: Ed. La Découverte, 1989.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: Ensaios de Antropologia Simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994b.
- LATOUR, B. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: UNESP, 2000.
- LATOUR, B. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- MENESES, U T. B. de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067>>. Acesso em: 01 agosto de 2020.
- SCHEINER, T. C. M. O Museu como processo. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Belo Horizonte: Superintendência de Museus, 2008.